

H. S. 12661

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 129

Col. 129

DOENÇAS TROPICAIS

PUBLICADA PELO

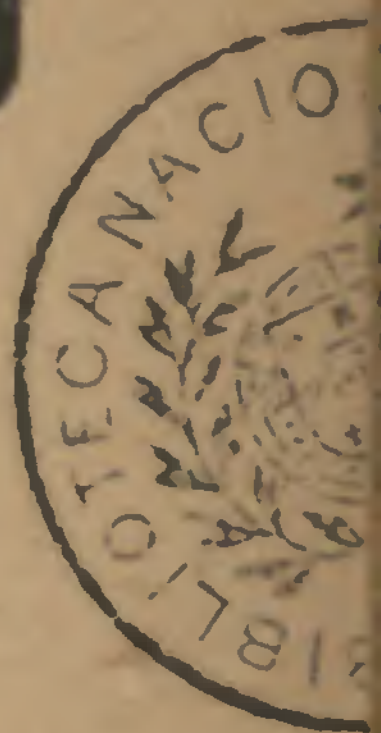
Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1918



Doenças tropicais

I. As bases da medicina tropical

Iniciaram-se no fim do século XIX os preparativos para um ataque em forma ás doenças tropicais. No ano de 1899 estabeleceram-se em Inglaterra duas escolas de medicina tropical, uma em Londres, outra em Liverpool, e em seguida abriram-se varios laboratorios em terras tropicais: na India, no Ceilão, em Singapura, em Hong-Kong, nos Estados de Malaca, no Uganda, no Egypto e na Guiné Britanica. Era de justiça que a Gran Bretanha iniciasse estes trabalhos, porém as suas escolas foram seguidas rapidamente por estabelecimentos iguais em França, Italia, Portugal, Alemanha e nos Estados Unidos. Foi no século XX que se viu pela primeira vez sairem medicos para as terras tropicais já bem preparados com as ultimas descobertas da sciencia sobre as doenças que iam combater.

O progresso feito não se limitou ao estabelecimento de escolas; viu-se confirmada durante

os ultimos anos do seculo XIX a grande descoberta que é hoje a base de toda a medicina tropical — a descoberta que o clima, comquanto possa exercer influencia, não é a causa da doença; que a doença é causada por animais e plantas e que se comunica aos homens por meio de parasitas. Esta descoberta operou uma mudança em todas as doutrinas antigas. Ensina que não devemos ter na conta de quasi inhabitaveis para o homem certas regiões da terra. Os animais e as plantas que são causa de doença podem-se conhecer e destruir. Ensina que se podem tornar saudaveis certas regiões que durante seculos se indigitaram como sendo «sepulcro do homem branco». Ficou plenamente demonstrado que o estudo da medicina tropical tinha de ser em primeiro logar um estudo de historia natural. Trilhou-se o caminho nas novas escolas e a primeira grande obra das duas escolas de Liverpool e de Londres foi a de confirmar esta doutrina como sendo a base de toda a medicina tropical.

Uma expedição investigadora que saiu sob os auspicios da escola de Liverpool para a Africa Ocidental descobriu o mosquito que transmite a malaria. Apresentaram-se muitas duvidas a respeito da descoberta. Havia seculos que se tinha aceita a doutrina que a malaria era uma doença essencial de climas tropicais, uma doença a que nenhum habitante daqueles climas podia escapar. Que a doença era transmitida por um mosquito e que sem o mosquito deixava de existir a malaria constituia uma descoberta sim-

ples demais para ser verdadeira. Foi então que a escola de Londres levou a efeito experiencias as mais cuidadosas para provar em primeiro lugar que o homem pode viver em terras onde existe a malária sem ser atacado da doença, se não fôr mordido por mosquitos; em segundo lugar que um homem mordido por um mosquito infectado de malária adquiriria a doença infalivelmente fosse qual fosse o clima,

A descoberta da causa e do agente da malária constitua em si um avanço dum valor incalculavel. Livrar as terras tropicais da malária seria livrá-las do seu maior flagelo. O primeiro dos eruditos em sciencias tropicais disse a proposito da descoberta: «A malária é a causa principal da doença e morte e da paralisação da vida social nos tropicos. Reina ali com poder supremo e como tirano brutal, fulmina os seus subditos e o seu reino. A' malária — e pode-se dizer que só a ela — se deve o apelidar-se a Africa de Continente Tenebroso; algumas das mais belas e mais ferteis regiões da terra permanecem desertas, produzindo só um mato inutil e povoado por animais ferozes e aqui e acolá por um ente mais feroz ainda da especie humana.»

Só na India morrem todos os anos de diversas febres, principalmente a paludosa, cinco milhões de habitantes; nas colonias da Africa, devido a esse mal e ao grande numero das victimas que faz, tornava-se necessario empregar dois brancos para fazer o serviço dum.

Não se fizeram esperar os efeitos desta des-

coberta e dos novos metodos que nela se baseiam. No decurso dum ano e só num distrito, dois medicos que tinham cursado a escola de Londres conseguiram reduzir de 378 a 59 casos fatais resultantes da malaria, e de ano para ano continuam a reduzir o numero. Porém a ratificação da teoria sobre o mosquito da malaria não é só o passo principal dado na direcção de exterminar em meio continente uma doença que o tornava inhabitavel, indicava tambem ao mesmo tempo o caminho a seguir na descoberta da origem de outras doenças. Indicava que as insalubres terras tropicais, poderiam com o tempo tornar-se saudaveis; que algumas das doenças misteriosas dessas regiões poderiam não só curar-se porém exterminar-se, como aconteceu na Europa com a peste negra. Indicava ás escolas novas a verdadeira senda a seguir para o estudo da patologia tropical, despertando ao mesmo tempo interesse no estudo importante das plantas e dos animais e insectos das regiões tropicais. Em importancia cede o logar unicamente á grande descoberta da bacteriologia que ficou seguramente assente trinta anos antes; quer dizer, a descoberta que muitas doenças são produzidas por animalculos microscopicos que se introduzem no sangue.

II. A obra da escola de Londres

Vemos que os nomes das escolas de medicina tropical na Europa são nomes de grandes portos de mar — Londres, Liverpool, Paris, Na-

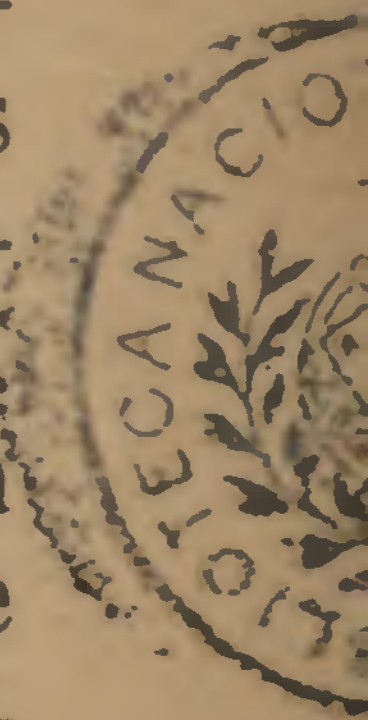
poles, Hamburgo e Lisboa. Num sentido são estas escolas as sentinelas da Europa que estão sempre á espreita de novas doenças que possam vir de além-mar. Como tudo o mais, a doença tambem se transporta com mais rapidez e facilidade hoje que antigamente. Certas doenças que foram tidas durante seculos como proprias de determinadas regiões e climas, aparecem em terras antipodas. Ha vinte anos escrevia um erudito inglez: «Em tempos passados, quando a comunicação entre terras distantes uma das outras era vagarosa e pouco frequente, alastravam-se difficilmente as doenças epidemicas porque durante a longa viagem o doente ou morria ou curava-se, acabando assim a infecção antes de se atingir o porto. E' muito diferente nos tempos actuais pois não só as comunicações são mais frequentes como as viagens mais rapidas, dando em resultado maior risco da propagação da doença epidemica. Pode-se tomar como exemplo a enorme extensão que teve a peste durante os ultimos anos; appareceu pela primeira vez na America do Sul e na Australia. Em doenças menos virulentas nota-se a mesma tendencia para se espalhar devido ás viagens rapidas. Aquela pesta da America Tropical, a *Sarcophylla penetrans* — chamada vulgarmente «pulga dos pés» — foi transportada para a Africa Occidental haverá meio seculo; dali espalhou-se pela Africa Tropical e já chegou á Africa Oriental. O Velho Mundo transmitiu o colera ao Novo Mundo. O que nos garante que o Novo Mundo, usando de represalias, nos não trans-

mita a febre amarela?» A garantia está na vigilância das autoridades medicas, dos hospitais e das escolas estabelecidas nos portos. E' nos Hospitais dos Maritimos, sitos nas docas dos grandes portos da Europa, que se encontram casos das doenças misteriosas dos tropicos — a peste, o béri-béri, a filára, e outras; eis a razão por que se estabeleceu a escola de medicina tropical de Londres no meio das grandes docas do Tamisa — sitio afastado do centro e pouco frequentado por curiosos. Ali tem sido facil, tanto para os professores como para estudantes, o estudo do modo pelo qual as doenças tropicais atacam são só os naturais da Africa, da Asia, das Indias Ocidentais e os doutras terras de que era oriunda a doença mas tambem o modo por que atacam os europeus de qualquer nacionalidade.

A escola de Londres deve a sua fundação a dois homens muito eminentes, Sir Patrick Manson, um dos mais distintos pioneiros da medicina tropical, e Mr. Joseph Chamberlain, então secretario de Estado pelas Colonias. Durante os 18 anos da existencia da escola tem-se alcançado um grande resultado. Desde a primeira expedição investigadora que em 1900 foi enviada á Campagna Romana para confirmar a teoria de ser possivel viver-se num distrito paludoso sem se adquirir a doença contanto que se evitasse a mordedura do mosquito, tem enviado 14 expedições investigadoras a diferentes partes do mundo. Porém na obra importante de investigação tem feito menos que a escola de Liverpool.

O seu fito principal tem sido o ensino. No primeiro ano, 1899, cursaram a escola 27 estudantes. No segundo ano elevou-se o numero a 74. Em 1912 o numero atingiu 194. Depois veio a guerra e o numero de frequentadores baixou: em 1916 eram só 25. Porém durante os 17 anos da sua existencia a escola tem enviado para todas as partes do mundo tropical 1.857 medicos munidos de tudo quanto a sciencia mais moderna tem descoberto sobre doenças tropicais. Anteriormente partiam os medicos sem terem especializado no assunto e aprendiam á custa de erros cometidos. No discurso inaugural da escola falou Sir Patrick Manson dos muitos erros evitaveis que se cometiam em diagnoses e por conseguinte em tratamento; as muitas ocasiões aproveitaveis que se perdiam por falta dos conhecimentos especiais hoje oferecidos pela escola, porém ignorados então.

Os estudantes desta escola teem percorrido o mundo e para ela teem vindo estudantes de todas as partes. No seu rol estão incluídos americanos, francezes, alemães, dinamarquezes, indios, egypcios e gregos, numa palavra, homens de todos os paizes. Dos 600 estudantes que frequentaram a escola nos primeiros cinco anos, 33 estavam ao serviço de governos estrangeiros, o que prova a grande influencia que tem tido esta escola. Os seus estudantes teem tido uma parte importante na descoberta dos ultimos anos sobre a febre amarela, a ftiríase africana (febre do piolho), e sobretudo a doença do sono. Porém o valor do que se tem feito não se cal-



cula pelas descobertas; está no trabalho dos 2.000 medicos que desde que a escola se fundou, especialisaram em doenças tropicais e que por toda a parte estão combatendo com as melhores armas essas doenças.

Durante a guerra os medicos da escola teem levado a efeito investigações por conta do governo nos paizes tropicais onde combatem tropas britannicas. Ainda não são conhecidos os resultados dos seus estudos, porém não ha duvida que na medicina tropical assim como em muitos outros ramos da medicina, a guerra terá dado muitas lições uteis. Posta de parte essa vantagem, a guerra tem sido causa duma grande interrupção no trabalho da escola. E' só quando a guerra acabar, quando ficarem resolvidos os destinos das regiões tropicais da Africa e da Mesopotamia e da Palestina, quando os governos retomarem o seu desenvolvimento dos tempos de paz, que se ha de voltar de novo e com novo interesse á obra de medicina tropical, pois milhares de homens brancos para quem os Kame-runs, a Africa Oriental, o Congo e a Mesopotamia eram terras desconhecidas ou meros nomes geograficos ali terão vivido, trabalhado e combatido.